

Alves Redol

Teatro II

O destino morreu de repente



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

ULH07100 369



Alves Redol

TEATRO II

O DESTINO MORREU DE REPENTE

Sugestão para um divertimento popular

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

*Alguns apontamentos para as pessoas
se entenderem um pouco melhor*

1.º apontamento

Quando há cerca de dez anos iniciei a primeira versão deste espectáculo, dei-lhe o título provisório de *Jogo dos Mitos Cansados*, de tal modo pensei em criar um divertimento, embora o carpinteirasse também como estímulo para a meditação, aqui fecundada, contudo, sem didactismos complexos ou descarnados.

Pensava em jogo no sentido de passatempo. Com todos os riscos de um jogo franco, é evidente. As suas regras deveriam ser estabelecidas pela invenção do autor e do encenador, cabendo ao público decidir, com a sua adesão imaginativa ou a simples recusa dos que não embarcam em naus sem leme, se o jogo era lícito ou se as cartas nasciam viciadas em tavolagem de indigência.

Este risco, já de si empolgante para qualquer autor, desmesura-se ainda até ao abismo, quando a obra se engrada num livro antes de pisar o tablado ou a arena, que são terreiro adequado para a luta honesta da sobrevivência ou morte de um texto teatral. Na leitura convida-se alguém a colaborar na encenação e na figuração dos intérpretes, à recriação, portanto, de uma nova realidade baseada naquela que o autor já recriara ao fazer a sua escolha no real.

ficarão deformados, mesmo quando se julgarem rigorosamente reproduzidos. Mais espelhos de água, onde a vida está sempre a atirar pedras, para que a limpidez raramente seja de charco. Só se deixarão enganar os que usarem um pequeno espelho de algibeira.

O teatro é que deverá tornar-se num espelho de ver por dentro, espelho de consciência, uma espécie de escafandro capaz de permitir o mergulhar-se e descobrir quanto fica para além da própria superfície que reflecte a imagem, tanto ainda como o que está dentro da imagem.

Teatro deverá ser debate e rebate, mesmo quando o espectacular queira juntar os homens para deslumbramento comum. Embora sem grandes complicações intelectuais, o que lhe trairia o propósito de ser popular, esta tentativa também discute. Mas fá-lo sem paixão. E sem pretensões de salvar de um golpe o que quer que seja. E muito menos o teatro.

«Quando uma sociedade está doente», escreveu-o Jonas, «o teatro, que é a sua face [*eu entendo que uma das suas faces*], di-lo sempre. Um pouco de tinta vermelha na face de um doente não lhe dá saúde.»

Pois não. Mas quando uma sociedade está doente, dá sinal de que já vive dentro dela uma outra para lhe tomar o resto de vida que ainda conserva.

1.º apontamento

Embora julgue que longo tempo passará no papel, preciso de confessar que esta tentativa não se destina a um museu; que deseja, portanto, a colaboração de quantos homens de teatro nela queiram meditar e intervir. Só com uma condição: acordo com o seu espírito, o que parece fácil de entender em muitos apontamentos destinados ao leitor.

Não será demasiado repetir que considero este jogo teatral como tentativa. Se alguém entender que o público se pode interessar por um divertimento deste tipo, que lhe salve a intenção. Ampla liberdade ao encenador com o reconhecimento assinalado por Baty:

É ao encenador que pertencerá restituir à obra do poeta o que se perdera no caminho que vai do sonho ao manuscrito.

Isto, que parece querer dizer só uma coisa — a restituição do sonho —, significa várias. Piscator afirmou-o com a sua bela experiência:

A encenação é uma ciência que parte da divisão espacial da cena, da sua composição plástica,

O circo apareceu depois do esboço da obra. Mas devo confessar que persisti na ideia, quando encontrei circos abandonados à espera do tempo das feiras e actores sem teatro à espera de milagres. E porque me deslumbram uns e admiro os outros, achei que teria bons motivos para os juntar aqui.

O circo ou arena não são, porém, obstáculo para que um encenador tente a realização noutro enquadramento. A adaptação é sempre possível.

Só haverá, em qualquer local, que procurar atingir o belo enunciado de Firmin Gémier, ainda que se não possa chegar tão longe:

É preciso uma arte colectiva superior e familiar, acessível ao instinto como à inteligência, uma arte por todos compreendida, capaz de suscitar o entusiasmo e a fé em salas onde o sábio e o operário possam sentar-se lado a lado.

Foi essa a síntese que se buscou, sem se ignorarem as dificuldades que propõe. Mas valeria a pena, certamente, um espectáculo desses. Se nesta sugestão houver algumas taliscas ou achegas para um tal programa, tudo ficará bem. Mesmo o que pareça desnecessário. Porque só com os seus defeitos se atingiu o que nesta tentativa se considera válido.

Aviso único

Os de imaginação preguiçosa, aqueles que preferem que o teatro concretize tudo, dando-lhes a papa feita e até bilhetes, que fiquem à porta.

Estão suspensas as entradas de favor.

PRIMEIRA PARTE

QUADRO I

A partida no foguetão

QUANDO o público entra na sala, um grupo de hospedeiras vende o programa. Neste, além dos títulos dos vários quadros que compõem o espectáculo, se imprimirá a letra da canção final, para que também o público participe na função com a sua voz.

As hospedeiras, de capacete para astronauta debaixo do braço, vestem batas afogadas no pescoço, como as preparadoras de um laboratório; a bata exige-se curta para que as hospedeiras mostrem as pernas calçadas com meias pretas, sobre as quais se fantasiem, por exemplo, teclas coloridas de computadores, sondas espaciais, um foguetão.

Quando chega a hora de iniciar o divertimento, mais duas hospedeiras, a que daremos números, 1 e 2, entrarão na arena, apregoando também o programa.

CORO

Cá está o programa!

Comprem o programa!

1.ª HOSPEDEIRA

É barato e ajuda também à ilusão
De se viajar pelo mundo desvirgado
De estrelas e mitos em segunda mão.

CORO

Comprem o programa!
Cá está o programa!

2.ª HOSPEDEIRA

Todos temos mais ou menos pra vender
Um programa acabado, pronto a servir.

1.ª HOSPEDEIRA

Um programa pra cumprir ou pra sofrer
Embora juremos todos que somos irmãos
Dos homens-tapetes sobre os quais passamos.

CORO

Cá está o programa!
Comprem o programa!

1.ª HOSPEDEIRA

Tapetes feitos de poetas azuis
Ou doutras cores, em colagens malucas,

2.ª HOSPEDEIRA

De filósofos ou activistas venais,
D'artistas de veia tonta,

1.ª HOSPEDEIRA

pra disfarçar,
Que juraram morrer por uma revolução
E hoje andam de gatas, pela mão
De qualquer senhor que os aluga ao mês
E os leva às exposições, bem medalhados,
Como animais de cruzamentos raros:

2.ª HOSPEDEIRA

De serpentes com pombas.

1.ª HOSPEDEIRA

E porque não
Dum tigre feroz com galinha pedrês
Que ponha ovos de rebeldia fofa?...

CORO

Comprem o programa!

Cá está o programa!

2.ª HOSPEDEIRA

Mas deixemos de atirar vidros bem frágeis,
Aos que se cobrem com telhados de pedra.

1.ª HOSPEDEIRA

Soletremos antes a imaginação,
Deixando-a voar no rumo esboçado
Por este espectáculo de fantasia,

2.ª HOSPEDEIRA

Onde além de se ver e de se imaginar
Se pode cantar,

1.ª HOSPEDEIRA

mesmo desafinando,

2.ª HOSPEDEIRA

No momento em que a rubrica pedir vozes.

CORO

Cá está o programa!

Comprem o programa!

1.ª HOSPEDEIRA

Vamos, talvez, mesmo antes da função
Fazer um ensaio da parte que cabe
Aos que vieram sòmente para assistir
E acabam por intervir na sugestão.

2.ª HOSPEDEIRA

Música, maestro!

1.ª HOSPEDEIRA

Entoemos só a melodia, deixando a letra para a apo-
teose final.

*Quando a fanfarra rompe com a marcha, no
ritmo brilhante e marcial da música adequada*

ao fim do divertimento, todas as hospedeiras a trauteiam, iniciando os espectadores no segredo da melodia, até que se apossem dela com o arrebatamento de quem a desvendou. Sereias de pronto-socorro e de fábrica cortam o ensaio, para darem entrada a Bombeiro Incendiário, que surge na pista de archote aceso, em punho.

BOMBEIRO INCENDIÁRIO

Sou irmão adulto do ingénuo bombeiro voluntário, involuntariamente pobre, mas voluntariamente resignado, que sem bens ao luar, e muito menos ao sol, corria alucinado a apagar os fogos que faziam arder a propriedade alheia; talvez porque nela havia muito do próprio suor e dos seus companheiros, embora lhe bastasse para recompensa a medalha de herói em dia de parada anual. (*Ao toque de clarins, mima a condecoração do bombeiro voluntário pelo comandante.*) O que muitas vezes não lhe concediam, porque também apagou muitos fogos ateados pelos próprios proprietários, que assim se viam traídos nos seus justos interesses pelo bombeiro assomadiço e ingénuo. Agradeciam-lhe as companhias de seguros, que, se o bombeiro morria no cumprimento do dever inventado, o faziam escoltar por coroa de flores artificiais, em cuja fita muito roxa se garantia que o pobre homem caíra no campo da honra, enquanto a família chorava o pão que mais ninguém lhe garantia, a não ser o pão amassado pelo Diabo Rico para lorpas e pataratas. Sou irmão desse pobre diabo,

o Diabo Pobre, e podem passar a conhecer-me por Bombeiro Incendiário. Procuro deitar fogo às imaginações, mesmo às daqueles que a têm inquinada pelo bolor do passado, desejando que o HOJE fique a chorar, fuzilado, às portas trancadas da vida. O HOJE, porém, sorrateiro, vai meter-se dentro da almofada onde pousam a cabeça para dormir. E dá-lhes insónias...

Já antes as duas hospedeiras, chefiando cada uma delas o seu grupo de vendedeiras de programas, se colocara junto de Bombeiro Incendiário.

1.ª HOSPEDEIRA

Agora, que desvendámos a Lua aos poetas,
às mulheres enlutaradas
e às crianças precoces,

BOMBEIRO INCENDIÁRIO

mais lúcidas que certos velhos que aos cem
[anos julgam
trazer consigo a alvorada do mundo;

CORO

é absurdo! é absurdo!

2.ª HOSPEDEIRA

e já sabemos da Lua, mais, muito mais,
do que mostramos saber dos pobres da Terra;

CORO

é absurdo! é absurdo!

1.ª HOSPEDEIRA

agora, que podemos andar, aos domingos,
com a Lua debaixo do braço,
como a pandeireta nova de um cigano,
para outros fazerem dançar a seu gosto
o urso melancólico que muitos têm na alma,

CORO

sem dentes,
sem garras,
sem raiva,

BOMBEIRO INCENDIÁRIO

pobre urso de peluche que o medo prende à
[trela;

2.ª HOSPEDEIRA

agora, que já demos alguns tiros em Marte,

CORO

Que blasfémia!

2.ª HOSPEDEIRA

e alguns atracões a Vénus, pobre planeta,

BOMBEIRO INCENDIÁRIO

Pra que se pôs ela tão perto?!... (Ainda a
[raptam nalgum

foguetão-grand-sport e a põem por conta em
[Torremolinos.)

CORO

Que brutalidade! Que brutalidade!

1.ª HOSPEDEIRA

Talvez arranjem um tribunal para estes crimes
[de estupro.

2.ª HOSPEDEIRA

Agora, que deixámos usurpar a Primavera,

1.ª HOSPEDEIRA

e leiloar o Sol em talhões e até a retalho;

2.ª HOSPEDEIRA

agora, que já fomos a toda a parte,
menos onde é preciso,

1.ª HOSPEDEIRA

não àquilo que pensam,

BOMBEIRO INCENDIARIO

àquela parte, mas ao cerne de nós mesmos,

TODOS

AGORA, MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES,
RESPEITÁVEIS ESPECTADORES DO VOSSO PRÓPRIO
[ESPECTÁCULO,

2.ª HOSPEDEIRA

agora estamos a vender bilhetes de ida e volta
à verdadeira fonte da vida,
aí mesmo onde muito crêem que se determina
[a vida de cada
um de nós.

CORO

Ao Destino, sim, ao Destino.

BOMBEIRO INCENDIARIO

Respeitável público! Proponho um divertimento, um jogo de escondidas com o rabo de fora. Quem não tem cabeça, não paga nada! Um divertimento que também emocione, empolgue, sujira, afirme, convide ao sonho de raízes lúcidas, ao pensamento, quero dizer. Não como um livro de filosofia, mas com os seus meios cada vez menos limitados, quando a imaginação do público ganha asas e gosta de voar, sem receio de encontrar a verdade no caminho. (*Pausa.*) Fala-se muito do Destino, do seu poder imenso; diz-se até que toda a nossa vida está escrita num livro irremediável que ele manda escriturar desde que nascemos até à morte. Que somos joguetes da sua força mágica, poderosa e mágica. E se fôssemos ver como o Destino teria de funcionar, se realmente existisse?

CORO

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES, VAI PARTIR O PRIMEIRO FOGUETÃO PARA O DESTINO!

As hospedeiras enfiam os capacetes de astronauta que trazem sob o braço.

1.ª HOSPEDEIRA

Deixem-se ficar nos vossos lugares! Estão tomadas todas as precauções antichoques.

VOZ DE ALTIFALANTE

ATENÇÃO! NÃO SE DEBRUCEM! PAR-TI-DA!

As luzes apagam-se. Irrompe o ruído de motores. Uma chuva de estrelas cai da cúpula. Como meteoros, as hospedeiras correm à volta da pista, desenhadas pela fosforescência dos tecidos que as vestem. O fogo do archote de Bombeiro Incendiário desaparece.

QUADRO II

No aeroporto do Destino

O ruído dos motores decresce à medida que a luz surge difusa e acaba por se abrir numa explosão de muitas cores.

Ficará depois, e só enquanto Bombeiro Incendiário declama a primeira fala, uma luz misteriosa, talvez arroxeadá, que é cor de manto santanário.

BOMBEIRO INCENDIÁRIO

Chegámos, ao que parece, a menos que estejamos em órbita e já ninguém nos arranque ao estado de putrefacção em que ficaremos até ao dia da ressurreição dos mortos-vivos que trazemos dentro de nós. Não se mexam, por favor, enquanto eu verifico pela aparelhagem de bordo se aterrámos no aeroporto do Destino.

Um altifalante emite música de arraial postigo sobre fundo de marcha fúnebre. Depois, guisalheira e fútil, a voz de um locutor estraçalha os ouvidos.

ALTIFALANTE

É com a mais profunda emoção que recebemos pela primeira vez um grupo de turistas vindos da Terra. Daqui mesmo, deste lugar sagrado donde dimana cada passo, cada acontecimento, o mais simples olhar de vós, homens, daqui mesmo, dizia eu...

VOZES

Apoiado! Apoiado!

ALTIFALANTE

Dizia eu, que vos saúdo, em nome do nosso Pai e nosso Mestre, Sua Majestade o Destino, senhor da palavra, do gesto, da vontade, da inocência, da excrescência, da indolência, da impotência...

VOZES

Basta! Apoiado! Basta! Apoiado! Basta!

ALTIFALANTE

Da solvência e da insolvência, da excelência e da insolência, eu vos saúdo do lugar mais alto da fonte da vida, onde tudo se sabe e prevê para sempre, eu digo para sempre, e se houver aí alguém que me desminta, considere-se morto desde já, antes que Sua Majestade o Destino o anule, o degrede ou o segregue até à quinta geração do convívio das pessoas gratas e de bem.

VOZES

Apoiado! Apoiado! Apoiado!

Regressa a música de arraial entre vivório e aplausos.

BOMBEIRO INCENDIÁRIO

Não há dúvida de que entrámos no reino do Destino. Espero que ninguém tenha enjoado com os balanços da nave, uma vez que estamos habituados ao enjoo de viagens mais longas. O foguetão funcionou às mil maravilhas com um novo carburante tão velho como o homem e se chama ilusão, causadora dessa terrível doença que ataca os perus e se conhece em veterinária por «confiança nos princípios eternos». Podem espreitar pelas vigias, embora os deva avisar do espanto que vão sentir ao deparar-se-lhes o espectáculo de uma multidão diferente, naturalmente diferente de nós.

Em balbúrdia, entra pela pista uma avalanche de vendedores, que se atropelam, mimam imprecações, se agarram, se perseguem. Desta barafunda destacam-se depois algumas figuras ou pequenos grupos que apregoam.

MULHER DOS PENTES

É a dez tostões! A dez tostões! Não há nada mais barato! (*Arrasta um filho pela mão, outro que se lhe*

agarra à saia e ainda outro que traz ao colo, embrulhado na ponta do xaile.) É tudo a dez tostões! Compre, messiú, compre lá, senhor míster...

BOMBEIRO INCENDIARIO

Não me chateie, mulherzinha.

MULHER DOS PENTES

Eu não perceber, míster, mas messiú ser muito simpático. Compre lá, ande! São duas coroas. Se comprar meia dúzia, dou-lhe de borla um destes meninos. Escolha à sua vontade: este que está aqui vai ser jogador de futebol. Um verdadeiro menino de ouro. Hoje é o dia tango e eu dou-lhe esta fortuna se me comprar seis pentes. (*Homem dos Esticadores empurra Mulher dos Pentes.*) Deixa-me lá fazer o negócio, desgraçado! Queres que chame um guarda?

HOMEM DOS ESTICADORES

Esticadores prò colarinho! É prò colarinho!... A gente aqui estica tudo, messiú. Vai ser uma sucessa no seu terra, señor. Esticador atómico, míster. Estica dinheiro, estica comida, estica morte, estica tudo, a gente estica, estica, e quanto mais estica menos rebenta. E quando rebenta não faz barulho. Esticadores prò colarinho! É prò colarinho! Temos agora esticadores em saldo! Estamos já a saldar toda a existência!

Descoberto por vendedores de cabides, escovas, gravatas, canetas, etc., etc., Bombeiro Incendiário tenta fugir, mas a roda aperta-se à sua volta e submerge-o.

CAUTELEIRO

É o 35 786! Começa em 3 e acaba em 6. 3 e 6, 9, 9 nada. Amanhã é que anda a roda! Compre uma cautela, senhor messiú! Todas as cautelas são poucas. Cada um deve andar com a sua cautela, senão apaga-se. É o 35 786! Começa em 3 e acaba em 6.

Outros cauteleiros apregoam mais números. Uns vêm fardados, outros servem-se de altifalantes. Acabam por comprar e vender jogo uns aos outros, trocando cautelas, trocando dinheiro, trocando os fatos, trocando calçado. Alguns trocam a cabeça.

Quem arranca Bombeiro Incendiário àquela barbúrdia é um homem sorridente e bem falante, a que poderíamos chamar o Homem das Arábias, mas que trataremos por Chefe de Relações Públicas, dado o cargo importante que desempenha no Destino.

CHEFE DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Meus irmãos! Meus irmãos em humildade! Lembrem-se de que chegaram hoje os primeiros turistas da Terra! Temos de lhes mostrar que somos felizes. Preci-